



ST11. ENSINO DE HISTÓRIA INTERFACES ENTRE O ENSINO SUPERIOR E A EDUCAÇÃO BÁSICA

702

AÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO COISAS DE NEGROS (AS) COISAS DE BRASILEIROS (AS) NA ESCOLA NORMAL ESTADUAL OSVALDO TRIGUEIRO DE ALBUQUERQUE MELO DE ALAGOA GRANDE-PB EM 2013 COM FOCO NA LEI 10.639/03.¹

Diognnys Cardoso Estevam²

Resumo: Esse artigo tem como proposta apresentar as experiências vivenciadas na Escola Normal Estadual Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo, na cidade de Alagoa Grande no ano de 2013, com o tema História e Cultura Afro-brasileira e a implementação da lei 10.639/03, visto que os conteúdos demandados por essa lei ainda encontram dificuldades em serem introduzidos na sala de aula.

Palavras-chave: Educação. Educação Étnico-Racial. Cultura Afro-Brasileira.

INTRODUÇÃO

O Presente artigo tem como base a prática do Projeto de Extensão Coisas de Negros (as), Coisas de Brasileiros (as), oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, cujo propósito é a valorização e respeito às práticas culturais afro-brasileiras, de modo a efetivar na escola a educação para a igualdade racial, enfrentando e combatendo o preconceito racial em conformidade com a lei 10.639/03, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, bem como com o Plano Nacional de Implementação de tais diretrizes. As discussões estão em torno das ações de formação de professores (as) na perspectiva das relações étnico-raciais e também possibilitar aos estudantes de graduação da UEPB, Campus III, fazer a ponte entre teoria e prática, ou seja, colocar em ação os conteúdos vistos em sala de aula colaborando com os professores (as) e estudantes na tentativa de alcançar as devidas diretrizes, demandadas pela lei 10.639/03.

¹ Waldeci Ferreira Chagas, professor do departamento de história da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, orientador do Projeto de extensão Coisas de Negros (as) Coisas de Brasileiros (as).

² Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

Apesar da temática estar em pauta na educação pública, esta ainda encontra dificuldades para ser aplicada tendo em vista a falta de formação dos (as) professores (as) para lidarem com o assunto, como também ainda existe uma barreira que passa pela omissão de Estados e municípios no que diz respeito ao fazer acontecer o exercício das políticas afirmativas em educação.

O tema aqui citado é de grande importância, tendo em vista que as práticas discriminatórias estão sendo recriadas de modo que a cultura afro-brasileira seja muitas vezes desqualificada, colocada como inferior, levando o sujeito negro a negar por vezes no cotidiano suas raízes, e também alimentar a desigualdade racial, criando um estereótipo onde é visto como menor. No entanto, a história e a cultura dos povos negros trazidos da África estão na formação cultural do Brasil. Sendo assim, a perspectiva é a da valorização e positividade, tendo em vista que por muitas vezes essa história e essa cultura são colocadas de forma negativa nas escolas.

O projeto teve início no mês de março de 2013 e sua conclusão foi em novembro do mesmo ano, executando atividades através de oficinas na Escola Normal Estadual Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo, localizada na cidade de Alagoa Grande – PB, que contou com a participação dos docentes e discentes da escola, e estudantes da UEPB que integram a equipe do projeto de extensão.

ENSINANDO AS MESMAS HISTÓRIAS

Durante o nosso cotidiano na execução das oficinas trabalhadas na Escola Normal Estadual Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo ficou muito evidente a falta de conhecimento por parte dos alunos sobre a cultura afro-brasileira. Isso pode estar relacionado com o problema da escola ainda não ter inserido no seu Projeto Político Pedagógico a temática Cultura Afro-Brasileira e Africana.

É importante iniciarmos essas questões porque “(...) as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, sejam de 2004, a LDB de 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais desde 1997 recomendam a inserção da diversidade étnica e racial no currículo e na sala de aula, o que incide na inclusão da história da África, história do negro(a) e cultura afro-brasileira como conteúdo indispensável à compreensão da formação da sociedade e da cultura brasileira” (CHAGAS, 2010. p.88).

A proposta do projeto de extensão foi de, junto com a escola e os alunos, ampliar o debate a respeito das relações culturais, e dentro dessa temática problematizarmos questões, como o racismo, o preconceito e os estereótipos enfrentados cotidianamente. Com esse objetivo simples, tanto nós estudantes da graduação, quanto os professores (as) e estudantes da escola normal criamos em várias ocasiões discussões sobre todas essas questões.

Desse apanhado de troca de experiências foi possível refletir sobre essa temática, cultura afro-brasileira, mas também ficou visível a falta de iniciativa na

participação dos alunos quanto ao assunto, isso em virtude da ausência desse conteúdo no currículo da escola.

Para nós estudantes da graduação que temos uma disciplina de História da África no currículo do Curso de História ficou mais fácil a discussão a respeito da história e cultura afro-brasileira e africana e a influência destas na formação da cultura brasileira. Isso nos possibilitou um melhor domínio de conteúdo e preparação das oficinas ministradas na escola normal. Mas dentre os (as) professores (as) da escola, poucos foram os que tomaram o conteúdo para serem debatidos em sala, visto que os (as) alunos (as) reagem aos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana como algo novo, pois o comentário era o de que ainda não tinham visto esse tema em sala de aula.

O deficit na lida com os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar se dá por diversos motivos, dentre eles a formação dos professores (as) durante o curso de graduação: “por sua vez, os cursos de Licenciatura plena em História existentes no Estado da Paraíba, com exceção do curso de História da UEPB, onde a disciplina História da África é obrigatória desde 1999, e os da UFPB e UFCG, onde recentemente essa disciplina foi incluída no currículo, não se tem notícia desse componente curricular em outros cursos que funcionam no Estado.” (CHAGAS, 2010. p.89). Com isso é possível entender a barreira ainda existente dentro da escola quando se faz menção a história e cultura afro-brasileira e africana.

Tomando como enfoque essas questões vistas acima, a perspectiva de trabalhar com a temática da cultura Afro-Brasileira se torna um desafio. Mas isso não quer dizer que seja impossível tratar dessas questões, pois segundo Nilma Lino Gomes, essa situação revela uma contradição. Se o Brasil acredita ser uma democracia racial e propala a existência da harmonia racial, por que a discussão sobre a questão racial e a diversidade não se constitui em um dos eixos de reflexão educacional e dos currículos escolares brasileiros? (GOMES, 2007.) É partindo daí que pensamos sobre as questões étnico-racial e da introdução da cultura afro-brasileira dentro da sala de aula para uma melhor compreensão da formação social do Brasil e sua diversidade cultural.

METODOLOGIA

O projeto de extensão utilizou como metodologia diversas oficinas ao longo do ano de 2013. Para tanto, trabalhamos com música, instrumentos, os diversos ritmos de dança, gincanas, documentários e vídeos de curta metragem. Todas as oficinas colaboraram para fomentar as discussões a respeito da cultura afro-brasileira e africana e sobre os problemas enfrentados por pessoas negras no dia a dia como racismo e preconceito que ainda está vivo no imaginário dos (as) brasileiros (as).

O projeto teve início com a realização de algumas reuniões com os professores (as) e direção da Escola Normal Estadual Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo. Nelas o coordenador fez a apresentação do que iria ser trabalhado e lançou a proposta da continuidade desta ação na prática cotidiana dos professores (as) da escola, pois a

intenção do projeto na escola é oferecer maneiras de os professores trabalharem a história e a cultura afro-brasileira e africana, conforme determina a lei 10.639/03.

As primeiras oficinas foram de música e ritmos afro-brasileiros.

Com relação à música a questão central não foi necessariamente trabalhar as canções africanas e sim estimular os estudantes a pesquisar e perceber através de obras de artistas nacionais negros (as) ou não, aspectos relativos à temática afro-brasileira e com isso perceber a influência da África através das músicas e ritmos no cotidiano dos (as) brasileiros (as), e assim conhecer a manifestação religiosa afro-brasileira, como também ver o ponto de vista de quem sofreu com o racismo ou quem atua no combate ao racismo através das suas canções. Nesta perspectiva ficou evidente que o racismo está presente, mas muitas vezes de modo camuflado, ou é absorvido na rotina e na vida das pessoas a ponto de elas não perceberem o ato racista. No conjunto das músicas trabalhadas foi analisado o estereótipo criado no meio social, neste caso, através das músicas de cantores e compositores, como: Edson Gomes, Chico Cesar e Daniela Mercury.

Nas músicas de Edson Gomes estão presentes as lutas por igualdade nos direitos entre brancos e negros, como também a prática de ato racista. Alguns trechos chamavam a atenção pela dramaticidade da cena como na música *Barrados*:

Ainda ontem no condomínio que moro uma senhora quando me avistou. Apertou a bolsa, ela escondeu sua bolsa. Apertou a bolsa a branca segurou logo a bolsa. Somos barrados no baile todos barrados no Baile eles dizem que só para gente bonita. Somos barrados no baile todos barrados no Baile eles dizem que só para gente bonita.

Desta forma através da música proporcionamos uma discussão sobre algumas imagens construídas ao longo da história, tais como: o lugar social do negro, que não pode ser em um condomínio de luxo ou ocupar cargos importantes. Nesse sentido, foram relevantes as manifestações dos alunos no que diz respeito a aceitação do padrão de beleza.

Eu dancei em uma festa com um rapaz negro e minhas amigas ficaram dizendo que eu dancei com um macaco.
Eu tinha preconceito com negro, achava feio, uma vez vi um negro pedindo esmola e fiquei com medo, minha mãe me fez ir até ele e pedir desculpas, minhas amigas me diziam que um dia ia namorar com um negro; hoje, o meu noivo é negro.³

Outras questões ainda foram debatidas, mas com a música: *Respeitem Meus Cabelos Brancos*, do Paraibano Chico Cesar:

Respeitem meus cabelos, brancos
Chegou a hora de falar
Vamos ser francos

³ Relato de uma aluna da Escola Normal Estadual Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo

Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África
Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa

O cabelo representa para a cultura africana muito mais que algo estético, é cheio de simbologias, compreende a identidade negra, algumas vezes indicava estado civil, status, identidade étnica, religião e classe social, sendo estas relações muito particulares com o seu cabelo. O cabelo do negro hoje deve ser usado como forma de cultura de resistência em meio aos padrões de imposição da beleza europeia, como o cabelo liso, apresentado aos negros, embora a realidade da população brasileira seja negra. Ora, não somente há uma imposição nos padrões de beleza como também há discriminação na medida em que se julga o cabelo liso sendo o bom, o crespo e cacheado, o ruim; isso tudo ainda está ligado a padrões sociais e a marginalidade. Na escola onde aplicamos a extensão tinha este tipo de diversidade, alunos de comunidades quilombola e alunos da cidade de Alagoa Grande, cabelos lisos, cacheados e crespos. Em um documentário de curta metragem feito pelo grupo da extensão pôde-se ouvir o relato dos alunos (as) da escola sobre o assunto. Era um desabafo diante do preconceito sofrido:

“Uma vez um homem chegou na minha casa para pedir esmolas e perguntou: O patrão ta ai? E a patroa? Neste momento me senti rebaixada, ele achou que eu era empregada, assimilando minha cor e cabelo. Hoje tenho o cabelo encaracolado, tem gente que chama de cabelo de bombril, faço dança afro e tenho orgulho de ser negra.”

“Quando eu morava em São Paulo uma senhora que estava do meu lado na rua ficou com medo, pensou que eu ia assaltar ela, pensou que por que eu morava na favela eu era assaltante, eu também não fiquei calada, disse a ela que o lugar que eu moro ou a minha cor não diz quem eu sou.”

“Tem muito professor racista, que na hora dos trabalhos dá mais oportunidades pra o branco, nos eventos”

“O que eu diria pra alguém racista. Diria pra ele parar de ser preconceituoso porque isso dói demais, a gente é tudo igual.”

As entrevistas foram realizadas no decorrer da extensão na escola e tinham como finalidade fazer uma análise do projeto na escola, sua importância e impressões que ficaram em alunos e professores.

Outras temáticas foram discutidas a partir da música de Daniela Mercury, Pérola Negra e Rita Ribeiro, “É d'Oxum”. Além das questões dos ritmos, foram discutidas também no caso da música de Rita Ribeiro a religiosidade, tendo em vista que há um grande preconceito ainda sobre as religiões africanas ou afro-brasileiras. Todos os estudantes tinham curiosidade em saber o que são orixás, entidades e macumba, frequentemente associadas ao culto afro-brasileiro. Surgiram perguntas sobre o que é macumba e também houve testemunhos sobre preconceitos que foram aos poucos sumindo da cabeça de cada estudante. Falar de religiosidade acaba sempre sendo um tanto delicado tendo em vista a manifestação religiosa predominante no Brasil que é o Cristianismo, e por sua vez reproduz um discurso eurocêntrico de negação do outro, um verdadeiro processo de demonização feito por algumas denominações cristãs. Neste momento, alguns alunos se manifestaram e discutiram sobre o preconceito religioso e quais as suas causas, chegando a uma conclusão que a falta do conhecimento e de um estudo sobre a cultura africana nas escolas como também da religiosidade que é o principal fator para uma atitude de exclusão e discriminação sendo que em alguns casos até incentivo de agressão. Isto estava presente nos debates, conforme se pode ler abaixo:

“Eu não sou racista, mas minha mãe me dizia pra não aceitar doces Cosme e Damião por que era de macumba e fazia mal.”

“Tem um amigo meu que diz que macumba é coisa do diabo, é só pra fazer o mal.”

“Na frente da minha casa tinha um terreiro, eu ficava doida pra ir ver como era, eu ouvia os sons, mas meus pais não me deixavam ir.”

Sobre as músicas da cantora Daniela Mercury ficou a questão dos ritmos, aproveitando a dinâmica e movimento das músicas, o trabalho foi no sentido de levar o aluno a perceber os instrumentos usados em cada música; esta oficina contou com instrumentos, atabaque, chocalho, afoxé, levados pelos alunos da UEPB.

Assim, puderam perceber que ritmos tão conhecidos como axé e samba têm uma influência africana, e através da música, e dos instrumentos do cotidiano foram despindo-se dos preconceitos sobre o continente africano.

A outra oficina ficou por conta do cine-negro, curtas com a temática afro-brasileira. Os vídeos foram exibidos para os alunos do segundo e terceiro ano do magistério, futuros professores (as). O intuito dessa oficina foi o de fornecer ferramentas para que eles possam no futuro usar em sala de aula. Dentre os vídeos exibidos na escola temos: *Kirikou e a Feiticeira*, *O Xadrez das Cores*, e *Quando o Crioulo Dança*.

No final de cada atividade eram discutidos com os alunos os objetivos em questão, isso fez com que os eles refletissem sobre o papel do negro e sua presença na formação cultural e étnico-racial do Brasil.

Nos relatórios escritos pelos estudantes da escola normal foi possível perceber momentos em que eles evidenciam a importância e o aspecto positivo do projeto de extensão:

O valor de uma pessoa está na sua atitude, a cor não significa nada, o que vale é o seu interior, seu caráter. A importância dos projetos tem tudo a ver com o jeito e o molejo brasileiro por que o negro traz para o Brasil coisas interessantes e importantes e por isso coisa de negro é coisa de brasileiro. O racismo trouxe de lição pra mim e que independente de cores, somos iguais, que aonde o branco chega o negro chega também.

As experiências extraídas desses relatórios foram o que possibilitou a produção desse trabalho, pois se trata de um material extremamente rico em fatos das experiências cotidianas dos (as) estudantes.

Como boa parte dos (as) alunos da Escola Normal Estadual Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo são negros (as), foi nos relatórios que ficou evidente o quanto em experiências de preconceito eles traziam tanto na escola quanto na sociedade em geral, como é visível no relato abaixo:

O racismo me fazia ter vergonha, só por ser negra, pensava que em todo lugar que eu chegava ninguém me aceitaria, essas oficinas serviram para eu não me esconder das minhas origens.

CONCLUSÃO

Foram as experiências vivenciadas e evidenciadas nas atividades e o cotidiano da extensão que possibilitou a produção desse trabalho.

Dentro desses meses de atividades, conseguimos visualizar a dificuldade e o comodismo de alguns professores (as) da escola em trabalharem essa temática na história e também aspectos da cultura afro-brasileira dentro de sala de aula como conteúdo curricular. Entendemos o fator dos docentes não terem formação específica, mas acreditamos que com a troca de experiências dos docentes em sala junto com o desenvolvimento do projeto, foi possível reverter essa lacuna quanto ao ensino de história e cultura afro-brasileira.

Percebemos no final das nossas atividades na Escola Normal Estadual Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo em Alagoa Grande que as contribuições do projeto foram uma via de mão dupla. Tanto os alunos da escola quanto nós, alunos de graduação da UEPB, aprendemos quanto à questão do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Mesmo que alguns professores (as) e estudantes não tenham se interessado pela temática, mas como sempre estávamos lá fazendo as atividades, dessa feita eles tiveram, mesmo que não motivados, que pensar um pouco sobre a temática afro-brasileira e sua importância no nosso cotidiano.

Acreditamos que o projeto de extensão foi uma experiência relevante na nossa formação como futuros professores. Todos os estudantes da UEPB envolvidos no

projeto de extensão dedicaram-se ativamente na produção do material trabalhado na escola normal com os estudantes. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas e de material visual.

No final ficou visível a satisfação de todos que estiveram diretamente envolvidos nas atividades, não só pelo fato de executá-las, mas pelo fato de poder debater, discutir e contribuir com o ensino, proposta essa que está diretamente relacionada com a nossa formação de futuros professores e professoras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC/SECAD. **Orientações e ações para a Educação das relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC, 2006.

CHAGAS, Waldecir Ferreira. Educação e Etnicidade: o (a) negro (a) nas aulas de história. In: MACHADO, Charliton José dos Santos (Org.). **Gênero e Práticas Culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NETO, Martinho Guedes dos Santos (Org.). **História Ensinada: linguagens e abordagens para a sala de aula**. João Pessoa: Ideia, 2008.

RIBEIRO, Alexandre Vieira (Org.). **Estudos Africanos: múltiplas abordagens**. Niterói: Editora da UFF, 2013.